

ROMILTON BATISTA DE OLIVEIRA & EDILENE DIAS MATOS

romilton.oliveira@bol.com.br; edilenediasmatos@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, BRASIL

LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS

RESUMO

O presente artigo investiga a representação do trauma na literatura a partir dos romances autobiográficos do escritor português António Lobo Antunes: *Memória de Elefante*, *Os Cus de Judas* e *Conhecimento do Inferno*. A pesquisa é teórico-metodologicamente bibliográfica, amparada pela literatura de testemunho, tendo a linguagem como fio condutor na representação do trauma. Estes romances fazem parte de uma literatura interpelada por um testemunho catastrófico que ainda não se fechou discursivamente. Sua extensa obra representa a memória de uma guerra que até hoje é lembrada por portugueses e africanos. Elas se enquadram ao contexto pós-colonial, numa perspectiva lusófona e interdisciplinar. Autores como Halbwachs (2006), Foucault (2008), Butler (2015), Sanches (2012), Bondía (2002), entre outros, são citados para dar maior consistência à análise das obras literárias. Os resultados desse trabalho mostram que os romances investigados refletem o doloroso processo traumático, consolidado por meio de um discurso crítico e desconstrutor que destravou os “nós” que impediam a linguagem traumática de “falar”, transformando-se numa rica produção literária, de rastro testemunhal, autobiográfico, histórico e memorialístico.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura; representação; trauma; Guerra Colonial

Este artigo tem como objetivo analisar o trauma a partir dos primeiros romances escritos pelo consagrado romancista português António Lobo Antunes. O autor, por meio de romances e crônicas apresenta uma narrativa tecida por um contexto proveniente de sua experiência com a guerra colonial em Angola. Desta forma, podemos dizer que em romances como *Os Cus de Judas*, *Memória de Elefante* e *Conhecimento do Inferno*, entre outros, o escritor consegue dar seu testemunho, trazendo à tona, por

meio da representação literária, o que em outro gênero seria mais difícil de mostrar. A língua (ou linguagem) atravessa o evento traumático “muda”, e depois de um certo tempo, ela rompe com o silêncio e se materializa verbalmente, sendo descrita por meio de um imaginário fictício e simbólico, em forma de rastros-resíduos captados do passado pelo sobrevivente.

Ressaltamos que António Lobo Antunes nasceu em Lisboa no dia um de setembro de 1942. Licenciou-se em Medicina e especializou-se em Psiquiatria, decorrendo daí sua tendência de analisar, sob o prisma da Psicologia, a criação artística, o que o levou a escrever romances como *Os Cus de Judas*. Após sua participação na Guerra Colonial, exerceu a profissão de médico, em Lisboa, no Hospital Miguel Bombarda, até o ano de 1985. Como romancista, vem publicando desde 1979. Seus três primeiros livros - *Memórias de Elefante* (1979), *Os Cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do Inferno* (1980) constituem uma trilogia autobiográfica. Estes primeiros livros, muito ligados ao contexto da Guerra Colonial, transformaram-no imediatamente num dos autores contemporâneos mais lidos e discutidos, no âmbito nacional e internacional.

Por meio deste texto, oriundo da tese de Doutorado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, a literatura torna-se um importante veículo de comunicação capaz de desconstruir costumes, valores culturais, linguagens e representações identitárias que predominavam violentamente no período colonial e que sujeitavam portugueses e angolanos ao sistema de pensamento centralizador e imperialista.

Ao falarmos do trauma é preciso recorrer ao processo intertextual e dialógico para que tenhamos êxito, compreendendo que está no sobrevivente¹ de acontecimentos catastróficos, como a Guerra Colonial em Angola, a marca registrada em seu corpo que o faz viver interpelado por “fantasmas” que habitam seu mundo interior. Desta forma, o trauma enquanto “ferida” que não se cicatriza, permanece aberto como as águas de um “rio” que nunca dormem. Os sujeitos que se banham nesse rio e que conseguem sobreviver tornam-se “sobreviventes”. São felizardos “infelizes” que viverão provavelmente com esse “sinal”, impedindo que ele retorne à sua vida anterior. São “especiais” porque foram “tocados” pela experiência em sua máxima intensidade, atingindo o real sentido etimológico da palavra: “travessia”, “perigo”, segundo Jorge Larrosa Bondía (2002). São sobreviventes

¹ O sobrevivente é um “fantasma real” que precisa tomar consciência de sua posição singular na sociedade e provar sua existência aos outros. Ao tomar posse de sua realidade e expressá-la, torna-se cômico de sua posição no mundo social, rompendo, assim, com sua invisibilidade. Ele é, acima de tudo, uma testemunha, legitimada por sua experiência.

porque conseguiram “atravessar” as fronteiras do terror e do “perigo” e estiveram nos limites da morte, atingidos pela perda de sentido da existência e de seus respectivos valores culturais. Nesse sentido, ser sobrevivente é, antes de tudo, estar condicionado à precariedade do corpo, pois, “cada corpo se encontra potencialmente ameaçado por outros corpos que são, por definição, igualmente precários, produzem formas de dominação” (Butler, 2015, p. 53).

É esse sobrevivente de guerra que, munido por uma força interior abalada pela experiência vivida através do acontecimento traumático interessa à Literatura de testemunho, empenhada em dar ao século XXI uma nova forma de ver e imaginar o mundo, já que não é possível descrever ou definir o ser humano por meio dos velhos paradigmas que nortearam a relação dos indivíduos em sociedade. Em outras palavras, não mais se aceita avaliar o homem com a mesma medida em que esse era hegemonicamente avaliado no século passado. O pensamento cartesiano não mais encontra lugar neste novo cenário pós-colonialista. As coisas já não mais conseguem ser representadas por meio de um ideário de permanência e fixidez. Uma ruptura se processa em torno de conhecimento normativo e disciplinar, cedendo lugar ao mundo interdisciplinar, intertextual e polissêmico. Nesse sentido, a desconfiança assume o lugar da confiança que o homem tinha no sistema de pensamento vigente, e novas formas de pensar são criadas, paradigmas são avaliados e ressignificados de acordo com as vozes que se descentram e se deslocam de seus lugares, antes imóveis. Dá-se início a um novo processo histórico-social. O presente é revisto à luz desse novo contexto pós-guerra e pós-catástrofe que a humanidade presenciou durante todo o século XX.

Assim, para estudar o trauma é preciso, necessariamente, refletir sobre a representação da memória e sua inserção espacial, pois toda memória está circunscrita a um determinado lugar, espaço ou território. Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006, p. 170), “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. (...), nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda”. Dessa forma, o espaço é muito importante quando queremos trazer à tona o fugidio e fragmentado passado. Espaço e tempo tornam-se duas importantes coordenadas em que a escrita está inserida. O tempo, categoria fundamental dos gêneros narrativos e em particular dos romances, é muito significativo na obra de Lobo Antunes. Liga-se a uma específica sensibilidade do escritor, manifestada desde seu primeiro livro, às questões

da memória que transmite aos narradores e personagens, implicando uma concepção da vida na qual a duração de existência individual se organiza em volta de nós de significação. Daí, percebermos nas obras de Lobo Antunes a presença de uma narração dispersa, em que o tempo não se estrutura de forma contínua e tradicional, interpelada por dois lugares em que a história se desenvolve: Angola e Portugal, dois lugares que marcam a memória narrativizada pelo escritor em seus romances: “entre a Angola que perdera e a Lisboa que não reganhara o médico sentia-se duplamente órfão, e esta condição de despaísado continuara dolorosamente a prolongar-se porque muita coisa se alterara na sua ausência ...” (Antunes, 2006, pp. 102-103).

A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA NA LITERATURA LOBOANTUNIANA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS

O trauma deixa muitas sequelas em sujeitos que viveram experiências-limite. O olhar foca a cena do “mal” e internaliza na mente humana, de forma amedrontada e severamente destruidora, as imagens do horror visto. Esta situação-limite, que pode levar o sujeito à morte, gera angustiante “sentimento de perda”, jamais vivenciado ou sentido pela pessoa. Há, então, a necessidade de atenuar este “choque” que se alastra no corpo e na mente como “ferida”, impedindo que os sobreviventes e portadores dele possam viver a mesma vida que antes viviam. Os sujeitos afetados pelo trauma são conduzidos a um processo que denominamos aqui de “desconstrução”. Ela nos leva a pensar com outra “mente”, desligada de seu fixo discurso sobre a vida e o mundo, apoiada em sentidos dispersos, fragmentados e descentrados, gerando o que podemos chamar de “crise de sentidos”, que tem a ver com a crise da representação, da identidade e dos valores culturais. Nesse sentido, podemos constatar, por meio da leitura e análise dos três romances, que eles nasceram da desconstrução de sentimentos e valores que antes serviam de eixo para a vida de seus narradores, e respectivamente, do próprio escritor, como bem constatamos no seguinte trecho retirado do romance:

o seu domínio fora sempre o do sonho confuso e vagueante, sem tábuas de logaritmos que o decodificasse, e *acomodava-se a custo à ideia de uma ordenação geométrica da vida, dentro da qual se sentia desorientado como formiga sem bússola*. Daí a sua sensação de existir apenas no passado e de os dias deslizarem às arrecuas como os relógios antigos, cujos ponteiros se deslocam ao contrário em busca

dos defuntos dos retratos, lentamente aclarados pelo resuscitar das horas. (...) Desde que separara da mulher perdera lastro e sentido: as calças sobravam-lhe na cintura, faltavam-lhe botões nos colarinhos, principiava pouco a pouco a assemelhar-se a um vagabundo associal em cuja barba cuidadosamente feita se detectavam as cinzas de um pretérito decente. Ultimamente, observando-se ao espelho, achava que as próprias feições se desabitavam, as pregas do sorriso davam lugar às rugas do desencorajamento. No seu rosto havia cada vez mais testa. (Antunes, 2006, p. 94, grifo nosso)

Na citação acima retirada do romance *Memória de Elefante*, constatamos a crise dos sentidos e, posteriormente, a crise de representação do personagem-narrador que percebe as palavras tão supérfluas e desprovidas de sentido que ele habituara a dar-lhes, antes de sua experiência com a Guerra Colonial. Os objetos, retratos e outras coisas que ele folheava, desfiguram e deslocam seu rosto, trazendo à tona lembranças de representações que não conseguem mais serem fixadas em sua fragmentada e dispersa mente conturbada. Ele “acomodava-se a custo à ideia de uma ordenação geométrica da vida, dentro da qual se sentia desorientado como formiga sem bússola”. No final do excerto, o personagem-narrador declara que “observando-se ao espelho, achava que as próprias feições se desabitavam, as pregas do sorriso davam lugar às rugas do desencorajamento”.

Percebemos que o personagem-narrador é movido por uma desconstrução que o conduz a um descentramento do “sujeito cartesiano” que, antes, habitava sua formação ideológico-discursiva. Ao perder esse sujeito “solidificado” pelo sistema de poder colonialista do qual ele fazia parte, sente-se inseguro, angustiado e traumatizado. No entanto, para amenizar esse “desconforto” e mal-estar oriundos de sua experiência bélica, o autor, por meio de seu personagem-narrador, recorre à escrita como meio de sobrevivência. O sobrevivente sobrevive para preencher as “lacunas” deixadas pelo passado. Assim, sua “escrita sobrevivente” servirá de objeto à Literatura de Testemunho.

Diante desta complexidade de tornar visível algo que pertence à invisibilidade, perguntamos: o trauma possui alguma relação com a identidade? Podemos afirmar que sim, pois sua função desconstrutiva modifica, sem dúvida, o discurso que o sujeito emite sobre sua identidade. Os

² Chamamos de “escrita sobrevivente” todo testemunho dado por alguém que sobreviveu a uma catástrofe, e que, de posse do poder da criação e do imaginário, consegue dar sentido ao irrepresentável, falar do indizível, tornar visível o invisível.

narradores/personagens de Lobo Antunes, “afetados” pelo trauma, não conseguem manter a identidade:

a identidade do sujeito da enunciação é apresentada como objeto perdido, e o discurso, um esforço de elaboração (Pena, 2003, p. 312). Sem identidade segura, a voz de enunciação faz da narração a busca de um sentido que não foi antecipadamente definido. Trata-se de um discurso instável, híbrido, em que os conflitos sociais são incorporados aos fundamentos expressivos (García, 2003, p. 50). O conceito de real é especificamente problematizado quando pensamos em testemunho, pois não estamos diante de uma percepção do senso comum. A vítima do testemunho não vê apenas o que é trivialmente aceite: o que merece testemunho, em princípio, é caracterizado por uma excepcionalidade, e exige ser relatado (Seligmann-Silva, 2003, p. 47). O real é entendido como traumático. Para Pena, “o testemunho fala e narra nosso encontro com o Real do trauma, assim como concebido por Lacan, o encontro com estas experiências do corpo que sofre” (Pena, 2003, p. 347). Quando a dor corporal é incontornável, ocorre, “uma espécie de descolamento entre mente e corpo: ou seja, vontade de abandonar o corpo” (Seligmann-Silva, 2007, p. 53). (Ginzburg, 2012, p. 57)

Ginzburg (2012) traz valiosas contribuições quando dialoga com vários importantes autores. Mas de tudo o que foi mencionado na citação acima vale frisar sobre a sua definição acerca do conceito de real que é problematizado no campo da literatura de testemunho que entende o real como traumático. O autor, em concordância com Pena (2003) ratifica que “o testemunho fala e narra nosso encontro com o Real do trauma, assim como concebido por Lacan, o encontro com estas experiências do corpo que sofre”. E completando o seu pensamento intertextual, utiliza-se das palavras de Seligmann-Silva para fechar o seu discurso: quando a dor corporal é incontornável, ocorre, “uma espécie de deslocamento entre mente e corpo: ou seja, vontade de abandonar o corpo”. Essa vontade de abandonar o corpo é concretizada na vida de sobreviventes como Paul Celan e Primo Levi, sobreviventes de Auschwitz. Todavia, Lobo Antunes resiste a essa tentação. Em entrevistas e em suas crônicas ele expõe sobre a presença do suicídio em sua vida, mas o amor às suas filhas Maria José e Joana Antunes que perderam sua mãe (única mulher que ele realmente amou), o impede de praticar tal violência, preferindo recorrer à “escrita sobrevivente” para continuar sendo um sobrevivente vivo e em constante produção literária.

Em relação ao contexto histórico em que os romances de traço autobiográfico de Lobo Antunes estão inseridos, podemos trazer à tona as contribuições de Manuela Ribeiro Sanches. Para a autora:

a memória da guerra colonial, os conflitos sobre uma descolonização apelidada de 'exemplar' ou 'desastrosa' revelam, no caso português, o modo como as feridas continuam abertas, sobretudo nas gerações que as presenciaram. As memórias dos 'retornados' afloram timidamente, sempre em termos de um debate controverso que parece longe de encerrado. (...) Pergunta que, se faz sentido, não obsta a que se acrescente outra: como falar do pós-colonial sem pensar o colonial e a reacção mais imediata a este? (2012, p. 10)

Sanches (2012) traz à tona uma questão que é fundamental para que possamos entender o pensamento colonial que dominou e continua a dominar o mundo por meio de suas velhas estratégias movidas por relações de poder reprodutoras de desigualdades, preconceito e racismo. Para a autora, pensar o pós-colonial é, sobretudo, pensar o colonial e a sua reacção imediata.

As contribuições de Sanches são de suma importância à medida que em seu discurso podemos perceber que o colonizador, ao criar um sistema de repressão da vida cultural do povo colonizado, provoca e desenvolve a alienação cultural de parte da população. Nesse sentido, a escrita loboantuniana torna-se um valioso contributo para a literatura de testemunho e para a própria história porque suas obras são interpeladas por uma potente voz que denuncia o horror causado pela guerra colonial em Angola, como bem podemos perceber no seguinte excerto, retirado do romance *Os Cus de Judas*:

não, a sério, a felicidade, esse estado difuso resultante da impossível convergência de paralelas de uma digestão sem azia com o egoísmo satisfeito e sem remorsos, continua a parecer-me, a mim, que pertenço à dolorosa classe dos inquietos tristes, eternamente à espera de uma explosão ou de um milagre, qualquer coisa de tão abstracto e estranho como a inocência, a justiça, a honra, conceitos grandiloquentes, profundos e afinal vazios que a família, a escola, a catequese e o Estado me haviam solenemente impingido para melhor me domarem, para extinguirem, se assim me posso exprimir, no ovo, os meus desejos de protesto e de revolta. O que os outros exigem de nós, entende, é que os não ponhamos em causa, não sacudamos

as suas vidas miniaturais calafetadas contra o desespero e a esperança, não quebreiros os seus aquários de peixes surdos a flutuarem na água limosa do dia-a-dia, aclarada de viés pela lâmpada sonolenta do que chamamos virtude. (Antunes, 2007, pp. 121-122)

Assim, entendendo que nada se conclui e que tudo está em constante mudança, as palavras do personagem-narrador acima expõem o “eu” do autor por meio do protesto e da revolta que embasam sua escrita literária. O trauma potencializa a linguagem por meio da experiência vivida pelo romancista, proveniente de cinco acontecimentos que funcionam como geradores centrais: a abrupta partida para Angola, as lembranças de seus pais e de suas tias (infância), a sua presença na guerra colonial em Angola, a vivência no Hospital Miguel Bombarda e a separação de sua esposa, após a guerra.

No seguinte fragmento, retirado do romance *Os Cus de Judas*, podemos constatar a presença do discurso traumático: rastros-resíduos do passado captados pelo escritor. O poder da linguagem destrava os lacres que silenciaram a voz por cerca de seis anos. A escrita dá ao escritor o “alimento” de que ele necessita para sobreviver:

continuo a *escutar*, sentado na sanita, olhando no espelho o meu rosto que irremediavelmente *envelheceu*, as falanges amarelas dos cigarros, os cabelos brancos, que eu não tinha, as rugas, Sofia, que me vincam a testa do mole cansaço dos que em definitivo desistiram. (...) prolongava nas feições em repouso algo das minhas feições *de antes*, quando a *amargura e o sofrimento da guerra* me não haviam ainda numa espécie de bicho desencantado e cínico, procedendo ao transformado acto do amor nos gestos indiferentes e alheios dos comensais solitários nos restaurantes, *olhando para dentro de si próprios as sombras que os habitam*. (...) Porque foi nisto que *me transformei*, que *me transformaram*, Sofia: uma criatura envelhecida e cínica a rir de si própria e dos outros o riso invejoso, azedo, cruel dos defuntos, o riso sádico e mudo dos defuntos, o repulsivo riso gorduroso dos defuntos, e a *apodrecer por dentro*, à luz do uísque, como apodrecem os retratos nos álbuns, *magoadamente, dissolvendo-se devagarinho* numa confusão de bigodes. (...) porque o *isolamento* e a *solidão* se me enrolam nas tripas, no estômago, nos braços, na garganta, me impedem de me mover e de falar, me tornam num vegetal agoniado incapaz de um grito ou de um gesto, à espera do sono que não chega. (Antunes, 2007, pp. 59-182, grifos nossos)

Não pretendemos aqui fazer uma análise interpretativa interpelada pela Análise do Discurso, mas faz-se necessário recorrermos ao uso que Foucault (2008) atribui ao discurso que esconde dentro de si estruturas ideologicamente perceptíveis. Entendemos, desta forma, que é por meio da linguagem, da entrega à palavra, nas margens da potência do poder da criação que o romancista constrói a sua escrita, movida por uma forte presença de signos traumáticos capazes de “traduzir” ou trazer à tona fragmentos do passado, reconstituído por meio de seu imaginário. Assim, adentrando-nos na citação acima, centramo-nos, primeiramente, no signo “escutar”, palavra que denota a presença de algo longínquo que pode ser visto pela voz que emerge do interior do sobrevivente, alojado em seu corpo como cicatriz que dá sinais de vida, de escuta... E é no “rosto” (parte central de seu corpo que é visível pelo espelho) que Lobo Antunes detecta sinais de envelhecimento precoce. Sinais fisicamente observados quando ele se vê ao espelho. Dentro desse contexto, o sobrevivente-autor traz à tona dois outros signos reveladores da memória tecida por rastros traumáticos: a “amargura” e o “sofrimento” causados pela guerra. É dentro de si, do mundo interior, complexo e paradoxal por natureza, que ele retira os signos que juntamente com ele sobreviveram, como fantasmas ou sombras, denotando um profundo esvaziamento de si, uma desorientação de um antigo “eu” que lá residia, contaminado por “sombras” que, inevitavelmente, precisa conviver, causando no corpo do sobrevivente, uma angústia antes não sentida.

A experiência com o horror na guerra em Angola modificou esse interior, abalando as estruturas sociais, político-econômicas e culturais. Tudo acontece de forma lenta e gradual... O retorno do sobrevivente ao real se dá de forma descontínua, fragmentada, dolorida, ameaçadora, rompendo as estruturas de coesão semântica que norteavam a vida do “antes de”. A anterioridade não consegue mais se impor diante de um “depois” que choca e fere o discurso que o sobrevivente carregava dentro de si em relação à existência humana. A solidão torna-se a sua companheira exata, transformando-o em “estrangeiro” em seu próprio país, e esse sentimento de estranheza (fator significativo para o sujeito que sobreviveu a uma catástrofe) leva-o a separar-se de sua esposa, aumentando, ainda mais, o processo traumático herdado de sua experiência bélica.

Convém, desta forma, definirmos a escrita loboantuniana, datada de 1979-1980, como escrita catastrófica, movida por signos traumaticamente tecidos nas margens cinzentas do que se pode representar, embora irrepresentável, cenas vividas por seu frágil corpo. A língua sobrevive a tudo isso

em silêncio, mas, por meio da escrita literária, ela potencializa-se e consegue, de forma fragmentada, dar conta de um passado que ainda ressoa no presente.

No meio de tantas perdas, uma coisa permaneceu acessível, próxima e salva – a língua. Sim, apesar de tudo, ela, a língua, permaneceu a salvo. Mas depois de atravessar o seu próprio vazio de respostas, o terrível emudecimento, mil trevas de um discurso letal. Ela fez a travessia e não gastou nenhuma palavra com o que aconteceu, mas atravessou esses acontecimentos. Fez a travessia e pôde reemergir “enriquecida” com tudo isso. (Celan, 1996, p. 33)

Assim, em palavras conclusivas, sabemos que essa questão que ora discutimos em torno do trauma na literatura não se conclui por definitivo, pois novas leituras e abordagens estão sempre a surgir por meio de outras vozes, outros discursos, outros caminhos teórico-metodológicos.

A literatura loboantuniana cumpre a árdua tarefa de representar o irrepresentável, possibilitando a recriação do presente por meio de restos-resíduos interpelados pela experiência de vida que Lobo Antunes consegue guardar de seu traumático passado. Assim, não há como pensar na representação do trauma fora de outros conceitos que com ele interdisciplinam-se, como por exemplo, identidade, tempo, espaço, corpo e experiência. Dentre esses conceitos é a identidade o mais relevante, pois o trauma abala intensamente a formação ideológico-discursiva do sujeito sobrevivente. A escrita é ferida em sua materialidade discursiva e é ela que liberta a voz de sua prisão, de seu silêncio, voz que ressignifica o real, trazendo uma nova representação, capaz de desconstruir o discurso dominador colonialista por meio da memória individual e socializada através da experiência de Lobo Antunes com a Guerra Colonial, em Angola.

REFERÊNCIAS

- Antunes, A. L. (2006). *Conhecimento do inferno*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Antunes, A. L. (2006). *Memória de elefante*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Antunes, A. L. (2007). *Os Cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.

- Butler, J. (2015). *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Celan, P. (1996). *Arte poética: o meridiano e outros textos*. Lisboa: Cotovia.
- Foucault, M. (2008). *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola.
- Ginzburg, J. (2013). *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, São Paulo: Autores Associados.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Sanches, M. R. (Eds.) (2012). *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70.

Citação:

Oliveira, R. B. & Matos, E. D. (2019). Lobo Antunes: uma voz lusófona que representa a memória da guerra colonial em Angola em tempos pós-coloniais. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 354-364). Braga: CECS.